



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14836 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 16 - Educação e Comunicação

FEMINISMOS NEGROS EM REDE: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA BRASILEIRA (2013-2023)

Kelly Cristina Monteiro Martins - UnB - Universidade de Brasília

Andrea Cristina Versuti - UnB - Universidade de Brasília

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

FEMINISMOS NEGROS EM REDE: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA BRASILEIRA (2013-2023)

Introdução

Movimentos sociais, ações coletivas com características socioculturais e políticas (Gohn, 1997), são construídos a partir de demandas comuns entre sujeitos que lutam por transformações sociais. Essas ações foram e seguem sendo impactadas pelo desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) e decorrente produção de culturas no digital, cenário que ampliou as possibilidades de participar, organizar e constituir movimentos de resistência na esfera online - os ciberativismos.

Este trabalho apresenta os resultados de uma investigação que explorou cinco plataformas digitais de pesquisa para mapear as produções realizadas no âmbito dos feminismos negros em rede, contemplando o recorte de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade pública da região Centro-Oeste, que busca compreender como mulheres negras estão ocupando o ciberespaço para vivenciar afetos, partilhar experiências, produzir conhecimentos e construir mobilizações ativistas contra o racismo, sexismo e outras formas de opressões.

O estudo não tem o propósito de encerrar debates, mas apresentar uma análise temática das produções brasileiras no período de 2013 a 2023 e assim refletir possibilidades de contribuir com este campo do conhecimento, situado no diálogo entre as áreas de Educação e Comunicação, que se posicionam de maneira central na contemporaneidade por integrarem o cotidiano, as práticas educativas, as sociabilidades e os repertórios culturais vivenciados no espaço digital (Silva; Versuti; Teles, 2021).

Caminhos metodológicos

O mapeamento dos estudos produzidos sobre ativismos feministas negros no digital

foi realizado a partir de uma abordagem quanti-qualitativa apoiada no Estado da Arte, processo de exploração bibliográfica em amplo acervo para investigar as abordagens emergentes, compreender os principais resultados e identificar possíveis lacunas em determinado campo do conhecimento (Sposito, 2009). Buscamos pesquisas realizadas no período de 2013-2023 na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), no Catálogo de Teses e Dissertações e Portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no site da Scientific Electronic Library Online (SciELO) e nos anais nacionais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED).

Para seleção dos trabalhos, utilizamos os descritores: “movimento antirracista nas redes sociais”; “relações étnico-raciais na internet”; “racismo e redes sociais”; “cibercultura e relações étnico-raciais”; “movimento negro nas redes sociais”; “relações étnico-raciais e redes sociais”; “ciberespaço e relações étnico-raciais”; “ciberativismo negro”; “movimento negro na internet”; “netativismo negro”; na presença e na ausência das aspas para ampliar os resultados. Nos anais da ANPED, os Grupos de Trabalho (GT) escolhidos foram o GT03 (Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos), GT16 (Educação e Comunicação) e GT21 (Educação e Relações Étnico-Raciais).

O primeiro movimento de seleção, realizado a partir da leitura dos títulos, palavras-chave e resumos, resultou em cento e seis trabalhos - quarenta do IBICT, vinte e um do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, quarenta artigos do Portal de Periódicos da CAPES, dois artigos da Scielo e três trabalhos da ANPED. Com a necessidade de aproximar as pesquisas aos objetivos do estudo, construímos seis critérios de elegibilidade: 1- Situar-se no campo das novas mídias; 2- Reconhecer o ciberespaço como rede sociotécnica (Latour, 1994) com dinâmicas de interações próprias; 3- Investigar os contradiscursos ao racismo, não as atuações racistas; 4- Apoiar-se nos ativismos negros digitais de maneira central, não apenas contextualizados; 5- Focalizar exclusivamente sujeitas/os negras/os e, por fim, 6- Trabalhar com o protagonismo de mulheres negras nas redes.

Diante desses critérios, o corpus final do estudo se constituiu em trinta e dois trabalhos, sendo quatro teses, dezessete dissertações e onze artigos.

Imagem 1 – Processo do Estado da Arte



Fonte: Elaborado pelas autoras

Panorama das pesquisas sobre ciberativismos de mulheres negras (2013-2023)

Ciberativismos consistem em movimentos que buscam transformação na esfera

pública a partir da propagação de discussões sociais em meio digital (Ugarte, 2008), como os feminismos. O movimento feminista é, em geral, caracterizado por três ondas, sintetizadas em 1- movimento sufragista, 2- construção da teoria de gênero e concepção de assuntos privados na esfera política, como maternidade, violência doméstica, direito ao corpo, ao divórcio, entre outros, e 3- protagonismo de mulheres negras nas análises da categoria gênero interseccionada com raça/etnia e classe (Siqueira, 2015). Nas últimas décadas, uma quarta onda tem sido considerada para abarcar os ativismos feministas em rede – o ciberfeminismo, orientador desse estudo a partir do protagonismo de mulheres negras.

Nesse sentido, a análise foi realizada a partir da leitura da introdução e considerações finais das teses e dissertações e leitura integral dos artigos para compreender o panorama das produções científicas, principais metodologias, referenciais teóricos e principais resultados encontrados, identificando ainda brechas que justifiquem novas investigações.

Os estudos aumentaram de maneira expressiva no ano de 2019 - três trabalhos em 2018 para nove no ano seguinte, seguido de números significativos também no ano de 2021 (seis) e 2023 (cinco). Consideramos como possíveis causas o cenário de pós-eleições, disseminação de fake news e campanhas construídas nas redes, além do assassinato da vereadora Marielle Franco em 2018, período que marcou a política brasileira pelas demandas dos coletivos femininos negros (Ferreira; Araújo, 2023). Observamos ainda que as produções surgiram apenas a partir do ano de 2017, o que evidencia o campo como relativamente novo.

Em relação à autoria, 85,7% das teses e dissertações pertencem a mulheres negras autodeclaradas em seus textos que relacionaram a pesquisa às suas vivências de racismo e construção de identidade. Os artigos também foram escritos, em sua maioria, por mulheres, não sendo possível identificar a raça/etnia nos textos.

Considerando a localidade dos programas de pós-graduação no Brasil, das vinte e uma teses e dissertações, quase metade é originada da região Nordeste - dez trabalhos. O contexto pode ser explicado pela tradição de lutas populares e políticas da região, estruturada sob importante base de esquerda decorrente do crescimento econômico e melhoria de vida proporcionada nos anos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT) (Pereira, 2019), que instituiu uma aproximação com pautas identitárias e sociais. As áreas de conhecimento dos trinta e dois trabalhos posicionam-se, em sua maioria, no campo da Comunicação, Humanidades e Ciências Sociais, devido às aproximações com os objetos das pesquisas.

Para compreender como as autoras/es se orientaram nas pesquisas e quais indagações estão sendo levantadas no cenário, analisamos o contexto geral dos objetivos dos trabalhos e identificamos três eixos problematizadores, demonstrados no Quadro 1 com suas distribuições:

Quadro 1 – Indagações orientadoras das pesquisas

Objetivos dos trabalhos	TOTAL
Analisar produções discursivas de mulheres negras nas redes	4

Investigar como as TIC's estão sendo apropriadas para construir o Feminismo Negro e lutar contra o racismo, sexismo e outras opressões	15
Compreender os processos de construção de identidade, vivência de afetividade e subjetividade feminina negra nas redes	13

Fonte: Elaborado pelas autoras

Para tanto, as pesquisas apoiaram-se nas discussões dos Feminismos Negros e da Interseccionalidade, principalmente a partir de Lelia Gonzalez, Sueli Carneiro, Carla Akotirene, Patricia Hill Collins, Grada Kilomba, bell hooks e Kimberlé Crenshaw. Manuel Castells, Donna Haraway, Muniz Sodré, André Lemos e Henri Jenkins se destacaram nos debates sobre as tecnologias comunicacionais no cotidiano.

As metodologias contemplaram, principalmente e não exclusivamente, a etnografia em espaços digitais (Etnografia Virtual de Cristine Hine ou Netnografia de Robert Kozinets) e as vertentes de análise do discurso: francesa, crítica do discurso e foucaultiana. A rede social mais utilizada como campo de pesquisa foi o Facebook, seguido do Instagram e Blogs, e reduzidamente o Youtube, sendo acompanhadas influenciadoras digitais negras, coletivos, instituições e entidades de mulheres negras, com destaque para o blog *Blogueiras Negras*.

As principais conclusões demonstraram que os movimentos feministas negros estão ocupando as redes sociais para reivindicar protagonismo na construção de suas próprias narrativas, historicamente construídas sob estereótipos negativos que prejudicam a formação de uma autoconceituação positiva. Além disso, os ativismos são vivenciados a partir de trocas afetuosas de mulheres negras que se identificam e produzem conhecimento como forma de mobilizar politicamente contra as diversas formas de opressões, subvertendo a lógica contra-hegemônica e buscando transformação social.

Conclusões

O presente estudo teve como objetivo apresentar um panorama geral sobre as pesquisas científicas brasileiras no âmbito dos movimentos feministas negros em rede. As informações encontradas possibilitaram somar conhecimento sobre as atuações ativistas de mulheres negras no digital e apresentou possibilidades de continuidade de construção deste campo, considerando como lacuna apenas uma pesquisa realizada no campo da Educação e estudos que acompanharam, em sua totalidade, mulheres negras jovens com Ensino Superior, grande número de seguidoras/es e sob uma perspectiva homogênea da mulheridade negra, sendo importante, então, dar visibilidade a outras sujeitas que estão ocupando o ciberespaço, como mulheres negras mais velhas, com deficiência e mulheres negras trans – caminho que parece promissor para o desdobramento da presente pesquisa.

Palavras-Chave: Ciberfeminismo negro; Tecnologias Digitais; Mídias Sociais; Análise Temática.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Danielle Lins Lima. ARAÚJO, Naína Jéssica Carvalho. **O ciberfeminismo negro como ferramenta de visibilidade e resistência contra o sexismo e o racismo na contemporaneidade**. Revista Espaço Acadêmico, 22(238), 115-126, 2023.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. Edições Loyola, 1997.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.

PEREIRA, Evelyne Medeiros. **DESENVOLVIMENTO DESIGUAL INTER REGIONAL, QUESTÃO SOCIAL E NORDESTE BRASILEIRO NOS ANOS 2000**. Rio de Janeiro, Revista Praia Vermelha, v. 29, n. 1 (especial), 2019, p. 67-94.

SILVA, Ângela Noletto da. VERSUTI, Andrea Cristina. TELES, Lúcio França. Pistas sobre narrativas produzidas no digital por jovens à luz da ecologia dos meios – a plataforma WATTPAD em análise. In: VERSUTI, Andrea Cristina e SCARELI, Giovana (orgs). **Paradigmas da nova educação**. Ria Editorial. 1ª edição, Aveiro, Portugal, dezembro/2021.

SIQUEIRA, Camilla Karla Barbosa. As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no direito brasileiro. In: BEDIN, Gilmar Antonio; CITTADINO, Gisele Guimarães; ARAÚJO, Florivaldo Dutra de (Org.). **Poder, cidadania e desenvolvimento no estado democrático de direito**. Florianópolis: CONPEDI, 2015.

SPOSITO, Marília Pontes (coord). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte, MG. Volume 1, Argvmentvm, 2009.

UGARTE, David de. **O Poder das Redes: Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.